



# LITERACIAS CÍVICAS E CRÍTICAS: REFLETIR E PRATICAR

Maria José Brites, Inês Amaral & Marisa Torres da Silva (Eds.)

A presente publicação encontra-se disponível gratuitamente em:  
[www.cecs.uminho.pt](http://www.cecs.uminho.pt)

**Título** Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar

**Editoras** Maria José Brites, Inês Amaral & Marisa Torres da Silva

**ISBN** 978-989-8600-88-2

**Capa** Fotografia: Faizal Sugi | Composição: Pedro Portela

**Formato** eBook, 186 páginas

**Data de Publicação** 2019, novembro

**Editora** CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
Universidade do Minho  
Braga . Portugal

**Director** Moisés de Lemos Martins

**Director-Adjunto** Manuel Pinto

**Formatação Gráfica  
e Edição Digital** Marisa Mourão



© CECS 2019

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença,  
visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Esta publicação é financiada no âmbito do Programa Estratégico do CECS  
(UID/CCI/00736/2019) pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

<b>Educação digital</b>	<b>95</b>
Luís Pereira	
<b>Literacia digital e metodologias</b>	<b>97</b>
Lídia Oliveira	
<b>Competências mediáticas</b>	<b>101</b>
Paula Lopes	
<b>Literacia das imagens</b>	<b>103</b>
Nelson Zagalo	
<b>Educação formal, não formal e informal</b>	<b>105</b>
Maria Raquel Patrício	
<b><i>Digital storytelling</i></b>	<b>109</b>
Paulo Nuno Vicente	
 <b>PARTE II</b>	 <b>111</b>
 <b>FICHAS DE ATIVIDADES</b>	 <b>113</b>
<b>A notícia do avesso: 5W+H ao serviço do jornalismo inclusivo</b>	<b>115</b>
Rita Basílio de Simões	
<b>Notícia de jornal: uma abordagem ao texto jornalístico</b>	<b>119</b>
Maria João Filipe	
<b>E por acaso criança lê jornal? Produção de notícias para a infância</b>	<b>121</b>
Juliana Doretto	
<b>Jornalistas por um dia: pensar o mundo e construir notícias</b>	<b>123</b>
Patrícia Silveira	
<b>Notícias e <i>blogs</i></b>	<b>125</b>
Estrela Serrano	
<b>Notícias e estudantes de jornalismo: manual colaborativo do ensino da reportagem a partir do modelo do REC</b>	<b>129</b>
Pedro Coelho	
<b>“Quando temos um martelo na mão, tudo nos parece um prego”</b>	<b>133</b>
Stéphane Laurent & Maria Inês Santos	
<b>Notícias e leituras: combater as alterações climáticas em sala de aula</b>	<b>135</b>
Rita Zurrapa & Teresa Pombo	

**CONCEITOS**

**MARIA RAQUEL PATRÍCIO**

raquel@ipb.pt

**CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA,  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, PORTUGAL**

## **EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL**

O propósito deste texto é apresentar e discutir os conceitos de educação formal, não formal e informal que permita refletir sobre estes conceitos e pensar a forma como podem contribuir para os objetivos de desenvolvimento sustentável. Parte-se da discussão concetual destas modalidades educativas e da inspiração dos objetivos de desenvolvimento sustentável para instigar a uma nova abordagem da educação para o desenvolvimento sustentável e assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Reconhecendo que a educação, numa visão humanista e holística, é um importante meio para impulsionar o desenvolvimento global e o progresso, deve proporcionar oportunidades para todos no acesso a uma educação ao longo da vida significativa e de qualidade através de percursos de aprendizagem flexíveis, sejam formais, não formais ou informais.

Partindo de uma definição simples e global, podemos associar a educação formal às aprendizagens que têm lugar num ambiente organizado e estruturado, que confere uma qualificação e está associada aos sistemas de ensino regular, de formação profissional e de ensino superior. A educação não formal realiza-se por aprendizagens organizadas, estruturadas e intencionais que ocorrem fora do sistema de ensino geral. A educação informal é um processo espontâneo de aprender. Ela ocorre das aprendizagens involuntárias, não organizadas nem deliberadas, mas com sabedoria e baseadas na experiência, realizadas em contextos da vida quotidiana em socialização com amigos, família e comunidade.

De acordo com Gohn (2006), a educação formal pode ser definida como aquela que é desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como a educação que os indivíduos

aprendem durante o seu processo de socialização carregada de valores e culturas próprias; e a educação não formal é a que se aprende no “mundo de vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas quotidianas.

A educação não formal é entendida no horizonte das “situações educativas (não formais ou informais) que se distinguem e demarcam do formato escolar” (Canário, 2006, p. 198). Esse tipo de educação envolve os indivíduos e as suas relações sociais e surge dos seus interesses e necessidades e quando visa a justiça social, “fortalece o exercício da cidadania” (Gohn, 2006, p. 29). Gadotti (2012), considera haver complementaridade entre educação formal e não formal, destacando a importância desta como meio de proporcionar modos alternativos de aprendizagem e contribuir para uma melhor integração entre educação e direitos humanos.

Quanto à educação informal, ela acontece quando o processo educativo advém de uma forma indiferenciada e dependente de outros processos sociais e realidades culturais (Trilla Bernet, 2003), compreendendo “todas as formas de aprendizagem não incluídas na educação formal e não formal” (Tight, 2002, p. 72).

Observamos, portanto, a complementaridade destas modalidades de educação e que ambas visam a formação integral do ser humano.

Perante os desafios globais de um mundo mais sustentável a educação deve ser de qualidade e promover em todos os indivíduos o desenvolvimento de competências de sustentabilidade com pedagogias ativas e transformadoras orientadas para a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, mas também para a ação, participação, colaboração e resolução de problemas no âmbito dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável.

Destacamos a necessidade de compreender e reconhecer as diferentes modalidades de educação a partir de uma abordagem aberta, flexível, articulada e dinâmica para facilitar a promoção e a implementação bem-sucedida da educação ao longo da vida que permita assegurar o desenvolvimento global sustentável.

## REFERÊNCIAS

- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In L. Lima, A. Pacheco, M. Esteves & R. Canário (Eds.), *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação* (pp. 195-254). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Gadotti, M. (2012). Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, 18 (1), 10-32.
- Gohn, M. G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação*, 14(50), 27-38. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- Tight, M. (2002). *Key concepts in adult education and training*. Londres: Routledge.
- Trilla Bernet, J. (2003). *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel.

### Citação:

Patrício, M. R. (2019). Educação formal, não formal e informal. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 105-107). Braga: CECS.

Este livro centra-se na ligação entre jornalismo e a democracia, e na forma como se cruzam com as literacias críticas. Estas são impossíveis de considerar sem o crescente interesse científico e social em relação ao discurso do ódio e à desinformação, numa sociedade em que o *transmedia storytelling* aponta para o imperativo de saber reconhecer, usar e operar multiplataformas. As literacias críticas, além de contemplarem o acesso, análise e produção nos média, incluem igualmente olhares sobre relações de poder.